

Élisée Reclus e a Geografia do Brasil: “São Paulo e os Paulistas” no final do século XIX

Universidade de São Paulo
São Paulo, fevereiro de 2009.

*O homem é a natureza
adquirindo consciência
de si própria.*

Élisée Reclus

*Um clássico é um livro
que nunca terminou de dizer
aquilo que tinha para dizer.*

Ítalo Calvino

História da Geografia

A Geografia em sua gênese moderna é herdeira da sistematização da produção do conhecimento geográfico do século XIX. Este processo se dá a partir dos estudos de dois alemães Alexander von Humboldt (1769-1859) e Karl Ritter (1779-1859). Humboldt “entendia a Geografia como a parte terrestre da ciência do cosmos, isto é, como uma espécie de síntese de todos os conhecimentos relativos à Terra”¹. Para Ritter, a Geografia era um estudo dos lugares, para isso “definiu o conceito de “sistema natural”, isto é, uma área delimitada dotada de uma individualidade. A Geografia deveria estudar estes arranjos individuais, e compará-los. Cada arranjo abarcaria um conjunto de elementos, representando uma totalidade, onde o homem seria o principal elemento”². Humboldt e Ritter são os fundadores da Geografia moderna.

Posteriormente, Friedrich Ratzel (1844-1904), um geógrafo alemão que foi aluno de Ritter na Universidade de Berlim, realizou um refinamento das propostas de seus antecessores. Dedicou-se a estudar as influências do meio sobre os homens, sua proposta embasou o determinismo geográfico. Também, propôs uma geografia subornada e instrumentalizada a serviço dos interesses do Estado alemão. Em sua proposta, justificava o expansionismo alemão, em busca de mais territórios utilizando o raciocínio da biologia darwinista transportando-a dos organismos para as nações. Desta forma, Ratzel é o fundador da escola alemã de geografia.

Antes de apresentarmos a fundação da escola francesa de geografia, devemos falar de um geógrafo francês que se destacou frente aos geógrafos de sua geração e não se vinculou a esta escola de geografia. Estamos falando de Élisée Reclus (1830-1905), geógrafo francês, que como Ratzel também foi aluno de Ritter na Universidade de Berlim.

Reclus não é o fundador da escola francesa de geografia nem mesmo pode ser considerado seu integrante, como os geógrafos franceses de sua época pensavam. O geógrafo francês que realizou a tarefa de fundar a escola francesa de Geografia foi Paul Vidal de La Blache (1845-1918). La Blache apresentou uma Geografia que foi a resposta francesa as propostas da escola alemã. Em sua Geografia, La Blache, contrapôs o determinismo geográfico ratzeliano defendendo que existe uma reciprocidade de influências entre o homem e o meio e o primeiro pode atuar transformando o segundo, sua proposta se constitui no possibilismo, a versão francesa do determinismo geográfico, mas agora o homem como agente transformador da natureza.

História da Geografia no Brasil

A História da Geografia no Brasil, resultado de uma visão da História da Ciência em um país com passado colonial somente passou a considerar a Geografia como disciplina científica quando surgiram instituições científicas oficiais – a Universidade de São Paulo (1934), a Universidade do Brasil (1935) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1937). Considerou, portanto,

¹ MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: Pequena História Crítica*. 14ª edição, São Paulo: HUCITEC, 1995, p. 47.

² Idem, p. 48-49.

a universidade criada pelos mestres europeus o *locus* da produção do conhecimento científico, e como não existiam universidades antes da década de 1930 no Brasil todos os estudos geográficos realizados não eram considerados científicos.

Diante desta periodização que somente considera que se produzia ciência quando os mestres franceses fundaram a Geografia científica no/do Brasil as outras experiências precedentes foram consideradas como fracassadas. Como Sousa Neto nos convida a entender:

“Em função do estabelecimento de marcos historiográficos tão precisos é que todas as outras possibilidades anteriores foram tomadas como fracassadas. Fracassadas pela própria impossibilidade de obter sucesso naquele momento, já que fazer ciência aqui carecia do desenvolvimento da ciência no seu centro produtor, para que então fôssemos bafejados com sua irradiação, difundindo entre nós os modos de fazer ciência. Fracassadas pela ausência de instituições onde fosse possível a prática científica permanente e a formação de uma comunidade de doutos geógrafos titulados. Fracassadas enfim por não haver alguns poucos sábios, nossas honrosas exceções, tido a oportunidade de realizar uma ciência que fosse digna de ter sua história”³.

Dessa forma, fomos disciplinados a considerar toda a Geografia produzida antes da década de 1930 como uma “proto-história da Geografia” ou então uma “pré-história da Geografia no Brasil”. Com isso, tivemos somente a possibilidade de escrevermos memórias dos exploradores, naturalistas e viajantes e de institutos e sociedades considerados pré-científicos que produziam uma Geografia pré-científica. Conforme os historiadores da Geografia⁴ a escreveram.

Apenas na década de 1980 surgiram trabalhos com uma historiografia do pensamento geográfico mais abrangente que consideravam o período anterior ao da década de 1930. Os precursores desta perspectiva foram os trabalhos de Moraes⁵ e Machado⁶.

³ SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. “Geografia nos trópicos: história dos naufragos de uma jangada de pedras?”. in: *Terra Livre*, nº 17, São Paulo: AGB, 2001, p. 120.

⁴ PEREIRA, José Veríssimo da Costa. “A Geografia no Brasil”. in: AZEVEDO, Fernando (org.). *As ciências no Brasil*. v. 1, São Paulo: Melhoramentos, 1955, p. 315-412.

AB’SABER, Aziz e CHRISTOFOLETTI, Antonio. “Geociências”. in: FERRI, Mário e MOTOYAMA, Shozo (org.). *História das Ciências no Brasil*. 3 v., São Paulo: EDU/EDUSP, 1979, p. 117-238.

PETRONE, Pasquale. “Geografia Humana”. in: FERRI, Mário e MOTOYAMA, Shozo (org.). *História das Ciências no Brasil*. 3 v. São Paulo: EDU/EDUSP, 1979, p. 303-330.

ANDRADE, Manuel Correia de. “O pensamento geográfico e a realidade brasileira”. in: SANTOS, Milton (org.). *Novos Rumos da Geografia Brasileira*. São Paulo: HUCITEC, 1982, p. 181-201.

MONTEIRO, Carlos Augusto Figueiredo. “A Geografia no Brasil (1934-1977): avaliação e tendências”. nº. 37. São Paulo: Instituto de Geografia-USP, 1980.

⁵ MORAES, Antonio Carlos Robert. *Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

A partir de novos horizontes abertos na História da Ciência no Brasil a História da Geografia iniciou a busca por novos caminhos assim pode apontar:

“o anacronismo existente na historiografia anterior, o que se buscou fazer foi entender em que presente histórico dada sociedade produzia aquilo que, para aquele momento e para aquela sociedade, tinha validade como ciência”⁷

Este trabalho se propõe pensar um geógrafo francês que produziu uma Geografia científica a luz de seu tempo e ainda considerar o Brasil do século XIX como um espaço-tempo profícuo para tal empresa.

Élisée Reclus, geógrafo e anarquista

Élisée Reclus, geógrafo e anarquista francês viajou por quase todo o mundo – Europa, América, África e Ásia –, e escreveu uma obra colossal cujos principais livros são: *La Terre; description des phénomènes de la vie du globe* (em dois volumes publicados em 1868-1869), *Nouvelle Géographie Universelle* (em dezenove volumes publicados de 1876 a 1894) e *L’Homme et la Terre* (em seis volumes publicados em 1906).

Em 1851, com vinte e um anos ingressou na Universidade de Berlim sendo aluno de Karl Ritter. Em dezembro do mesmo ano, Reclus retorna a França para tentar impedir o golpe de Estado de Luís Napoleão e sua proclamação como Imperador da França. Consumado o golpe de Estado, viajou a Inglaterra para evitar sua prisão, logo se transferindo para a Irlanda onde permaneceu um ano. Em 1852, com os irlandeses migrou para os Estados Unidos permanecendo três anos. Em 1855, com o objetivo de conhecer a América do Sul viajou a Colômbia retornando a França após dois anos.

Se instalou em Paris, onde trabalhou como escritor, tradutor e geógrafo, colaborou para as revistas e jornais como *Les Temps Nouveaux*, *Le Tour de Monde*, *Revue Germanique*, *Revue des Deux Mondes*, *Revue politique et littéraire*, *Le Journal des Voyages* e o *Boletim* da Sociedade Geográfica de Paris – Sociedade da qual ingressou em 1862. No ano anterior, escreveu *Voyage à la Sierra-Nevada de Sainte-Marthe* considerada sua primeira obra literária onde descreveu sua viagem a Colômbia. Como militante anarquista ingressou em organizações como a Liga da Paz e da Liberdade, colaborou com o jornal *Le Révolté* e conheceu os russos Mikhail Bakunin e Piotr Kropotkin. Escreveu em 1868-1869, sua primeira obra geográfica *La Terre; description des phénomènes de la vie du globe* onde apresenta “un estudio evolutivo de

_____. “Notas sobre a identidade nacional e institucionalização da Geografia no Brasil”. in: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, nº 8, 1991, p. 166-176.

⁶ MACHADO, Lia Osório. “Artificio Político en los orígenes de la unidad territorial de Brasil” in: CAPEL, Horacio (org.). *Espacios Acotados. Geografía y dominación social*. Barcelona: Barcanova, 1989, p. 213-237.

_____. “Origens do Pensamento Geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1870-1930)” in: CASTRO, Iná Elias et alii. *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995, p. 309-352.

⁷ SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. op. cit., p. 121.

aire darwiniano y de enfoque dialéctico de los fenómenos terrestres y de la manera como los hombres se adaptan a las condiciones naturales.”⁸

Em 1870, se candidatou à Assembléia Nacional, mas, não conseguiu se eleger. Neste mesmo ano, alistou-se como soldado para lutar na Guerra Franco-Alemã que acabou com a derrota francesa, a anexação da Alsácia-Lorena pela Alemanha e a composição de um governo subserviente aos interesses alemães, que, motivaram Reclus a participar junto aos parisienses na organização da Comuna de Paris, logo derrotada pelas forças francesas e alemãs. Tornou-se prisioneiro por quase um ano e submeteu-se a um julgamento por um conselho de guerra que julgou por seus atos e posições político-ideológicas e que o condenou a prisão perpétua na colônia francesa de Nova Caledônia na Oceania. Isso significava o rompimento de suas relações familiares, científicas e políticas, mas se iniciou um movimento da comunidade científica e intelectual que pressionou o governo francês que decidiu pela comutação por um exílio de dez anos.

Seu destino no exílio foi a Suíça. Com um projeto de escrever a *Nouvelle Géographie Universalle* permaneceu em território suíço até 1889. Com o objetivo de escrever os livros, realizou intenso trabalho em bibliotecas e diversas viagens – em 1884, à Argélia, Tunísia e Egito; em 1885, à Hungria, Turquia e Ásia Menor; em 1886, à Itália; em 1889, retornou aos Estados Unidos e Canadá; em 1890, novamente aos Estados Unidos, África do Sul, Portugal e Espanha. Nesse mesmo ano, retornou a França. E em 1893, Reclus realizou a sua última grande viagem ao redor do mundo e teve como destino a América do Sul – conheceu o Brasil, Argentina, Uruguai e Chile. A *Nouvelle Géographie Universalle* foi o resultado de vinte dois anos de trabalho, 17.873 páginas, 4.290 mapas e mais de 1.000 gravuras divididas em dezenove grossos volumes editados a todo luxo e publicados com regularidade entre 1876 e 1894⁹.

No ano seguinte, na Bélgica, participou do grupo de cientistas que fundou a Universidade Livre de Bruxelas, onde assumiu a cátedra e se tornou professor de geografia somente aos 64 anos de idade. Escreveu em 1897, *L'évolution, la révolution et l'ideal anarchique* – um livro de propaganda política. Escreveu *L'homme et la Terre* sua principal obra com 3.589 páginas em seis volumes. Morreu em 1905, na Bélgica. A sua última obra foi publicada postumamente em 1906.

Élisée Reclus e o Brasil do final do século XIX

Dentre as obras dos geógrafos do período de sistematização da geografia no século XIX-XX a obra de Élisée Reclus, deve ser considerada como uma das mais ricas e vastas, entretanto, sua obra não tem sido estudada pelos geógrafos.

No Brasil, a primeira obra publicada foi à tradução *Estados Unidos do Brasil*¹⁰, que se constitui como um capítulo do tomo XIX da *Nouvelle Géographie*

⁸ RAMÍREZ Palacios, David Alejandro. *Las geografías de Reclus y Vergara: itinerario de una red*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2006, p. 18.

⁹ Idem, p. 20-21.

¹⁰ RECLUS, Élisée. *Estados Unidos do Brasil: geographia, ethnographia, statistica*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.

*Universalle*¹¹. Para escrevê-la Reclus realizou em 1893 a sua última grande viagem ao redor do mundo e teve como destino a América do Sul – conheceu o Brasil, a Argentina, o Uruguai e o Chile. Publicou o último volume um ano após a sua viagem e estudou os países visitados mais o Paraguai e as Guianas encerrando seus estudos da “geografia regional mundial”.

Reclus conheceu o Brasil em um período de grandes transformações sociais e econômicas – a Abolição da Escravidão em 1888, a proclamação da República em 1889, a imigração européia iniciada na segunda metade do século XIX, a agricultura monocultura exportadora de café, a construção de vias de transportes principalmente as ferrovias e os portos e a construção de vias de comunicação como a dos cabos submarinos para a telegrafia e a incipiente industrialização – que possibilitaram o início do processo de modernização brasileiro. Como Machado aponta:

“No decorrer dos sessenta anos que separam a promulgação da “Lei de Ventre Livre” (1871) da Revolução de 1930, momento que os historiadores costumam apontar como sendo o marco da ascensão de um “projeto de modernização” no Brasil, completou-se a transição do trabalho escravo para o trabalho livre, as diferenças econômicas e sociais entre as regiões brasileiras se aguçaram, a monarquia foi sucedida pela república, e o principal mercado para os produtos brasileiros se deslocou da Europa para os Estados Unidos. Examinadas em retrospectiva, a última década do século 19 e as três primeiras do século 20 podem ser vistas como uma época de redefinição da identidade nacional.

Um redefinição pautada, é verdade, pelo pensamento de um grupo ínfimo da população. O “olhar para dentro” desse grupo implicou, no entanto, a crítica a uma sociedade estruturada em torno de relações sociais escravocratas, ou seja, a rejeição do passado-presente, o que desafiava a elaboração de uma racionalidade que fundamentasse as propostas de valorização do nacional. Implicou, igualmente, no “olhar para fora”, a adoção de uma “razão classificatória” que estabelecesse, ao mesmo tempo, a pertença do Brasil ao conjunto de nações “progressistas”, termo que designava na época os países industrializados e suas diferenças em relação às mesmas nações. Essa foi a porta de entrada para as ideologias científicas que dominaram o cenário intelectual da época, no sentido de estabelecer o divisor de águas entre o Brasil colonial e o Brasil “moderno”.

De modo geral, as ideologias científicas, como o darwinismo social, o positivismo e o neolamarckismo, que se difundiram na Europa, em primeiro lugar e, a partir dela, às áreas sob sua influência, estavam articuladas pela idéia de *mudança* ou *evolução* (Tort, 1992). No Brasil, os debates também se deram em torno da idéia de mudança, veiculando, através do argumento pseudo-científicos julgamentos morais sobre o

¹¹ RECLUS, Élisée. *Nouvelle Géographie Universelle. L'Amérique du Sud. L'Amazonie et La Plata: Guyanes, Brésil, Paraguay, Uruguay, République Argentine*. Paris : Hachette, Tome XIX, 1894.

território e a população, articulados a um questionamento do tempo futuro”¹².

O segundo e último trabalho dedicado unicamente à obra de Élisée Reclus foi o número 49 da Coleção Grandes Cientistas Sociais¹³, coordenado por Florestan Fernandes e organizado por Manuel Correia de Andrade, que contém uma introdução crítica sobre o conjunto de sua produção intelectual e a tradução de fragmentos de obras.

É simples constatar o pequeno número de trabalhos que se dedicaram a estudar as obras clássicas da Geografia. Dois trabalhos podem ser considerados como precursores na (re)leitura destas obras: *Geografia e sociologia; introdução ao estudo de Max. Sorre*¹⁴ de Januário Francisco Megale e *Contribuição para uma História Crítica do Pensamento Geográfico: Alexander von Humboldt, Karl Ritter e Friedrich Ratzel*¹⁵ de Antonio Carlos Robert Moraes. No final dos anos 1970 e o início dos anos 1980, o pensamento geográfico conheceu, no Brasil, uma renovação de alcances consideráveis com as propostas da “Geografia Nova”, corrente do pensamento geográfico que criticava a produção geográfica anterior e propunha um novo encaminhamento à Geografia. Neste contexto, a História da Geografia, foi objeto de importantes estudos publicados pelo historiador Nelson Werneck Sodré e pelos geógrafos Milton Santos, Antonio Carlos Robert Moraes e Ruy Moreira¹⁶.

Entretanto, podemos observar, que nos estudos de História da Geografia existe um silêncio a respeito da obra de Élisée Reclus. Conforme escreveu Moraes:

“Em termos de outros autores, um relevo deve ser dado à figura de Élisée Reclus, menos por suas formulações do que por seu engajamento político, ímpar entre os geógrafos. Reclus foi um militante anarquista, que pertenceu à Primeira Internacional e participou da Comuna de Paris. Entretanto, suas obras, *Geografia Universal*, publicada em dezenove volumes, e *A Terra e o homem*, em quatro volumes, foram pouco revolucionárias em termos de método e de propostas. Além do mais, Reclus viveu grande parte de sua vida exilado, tendo assim pouca influência na evolução da Geografia francesa.”¹⁷

¹² MACHADO, Lia Osório. “Origens do Pensamento Geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1870-1930)” in: CASTRO, Iná Elias et alii. *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995, p. 309-310.

¹³ ANDRADE, Manuel Correia de (org.). *Élisée Reclus*. São Paulo: Ática, 1985.

¹⁴ MEGALE, Januário Francisco. *Geografia e sociologia; introdução ao estudo de Max. Sorre*. São Paulo: USP, 1979. (Tese de Doutorado)

¹⁵ MORAES, Antonio Carlos Robert. *Contribuição para uma História Crítica do Pensamento Geográfico: Alexander von Humboldt, Karl Ritter e Friedrich Ratzel*, São Paulo: USP, 1983. (Dissertação de Mestrado)

¹⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *Introdução à Geografia (Geografia e Ideologia)*. Petrópolis: Vozes, 1976.; SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. São Paulo: EDUSP/HUCITEC, 1978.; MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: Pequena História Crítica*. São Paulo: HUCITEC, 1983.; MOREIRA, Ruy. *O que é geografia*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

¹⁷ MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: Pequena História Crítica*. p. 68.

Segundo Moreira, a geografia francesa realizou uma grande negligência sobre o pensamento geográfico reclusiano:

“Como num processo de expurgo, não haverá na França lugar para outra forma de pensamento geográfico além da lablacheana. Élisée Reclus (1830-1905) é um ilustre representante dos expurgados. Dentre os geógrafos mais conhecidos da França à época, Reclus não será aceito pelas academias sob a argumentação de que personificava a geografia descritiva e “utilitária” que a modernização da geografia, sob La Blache, estava superando. Em realidade, fez-se coro ao veto do Estado francês à própria permanência de Reclus em solo francês. Anarquista, engajado no movimento socialista desde sua juventude, Reclus amargará um exílio de seis anos, de 1851 a 1857, junto a outros franceses que reagiram ao golpe de estado de 1851 com que a burguesia respondera às revoltas operárias de 1848. Volta à França em 1857, para ser banido definitivamente em 1871. Membro ativo da I Internacional, estará entre os organizadores da Comuna de Paris. Morrerá no exílio, na Bélgica, colado à sua terra natal, em 1905, deixando uma obra tão vasta como a de La Blache.”¹⁸

Contudo, em 1976, a obra de Élisée Reclus foi revisitada e reconhecida por Yves Lacoste em seu livro *A geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*¹⁹. No mesmo ano, na revista *Hérodote*, em um artigo de Béatrice Giblin intitulado *Élisée Reclus, géographie, anarchisme*²⁰ igualmente o revisita. Após alguns anos, em 1981, foi publicado novamente na revista *Hérodote* um número intitulado *Élisée Reclus, un géographe libertaire* com artigos de Béatrice Giblin, Yves Lacoste, Pierre Gentelle, Marie Lourence Netter, Pierre Yves Péchoux e Martin Zemliak²¹ que se dedicaram a avaliar questões centrais da obra do geógrafo francês.

Vinte quatro anos depois, no ano do centenário de sua morte, foi realizada uma homenagem o *Colloque International Élisée Reclus et Nos Géographies, Textes e Pretextes* realizado na Université Lyon. Os trabalhos apresentados nesta ocasião foram publicados na revista *Hérodote* com artigos de Béatrice Giblin, Yves Lacoste, Joël Cornuault, Frédérick Douzet, Delphine Papin, Barbara Loyer, Claude Bataillon et Marie-France Prévôt-Shapira, Claude Liauzu, Michel Sivignon e Philippe Pelletier²².

¹⁸ MOREIRA, Ruy. *O que é geografia*. p. 35-36.

¹⁹ LACOSTE, Yves. *A geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, 1988.

²⁰ GIBLIN, Béatrice. *Élisée Reclus, géographie, anarchisme* in *Hérodote*, nº 2, Paris : François Maspero, 1976, p. 30-49.

²¹ in *Hérodote*, nº 22, Paris : François Maspero, 1981 : GIBLIN, Béatrice. *Élisée Reclus (1830-1905)*; GIBLIN, Béatrice. *Élisée Reclus et la colonisation*; GIBLIN, Béatrice. *Reclus : un écologiste avant l'heure*; LACOSTE, Yves. *Géographicité et géopolitique, Élisée Reclus*; GENTELLE, Pierre. *De la géographie physique a la géopolitique : Élisée Reclus*; NETTER, Marie Lourence. *Élisée Reclus ; une certaine conception de l'Histoire*; PÉCHOUX, Pierre Yves. *Élisée Reclus au panthéon des libertaires*; ZEMLIK, Martin. *Reclus, les anarchistes et les marxistes*.

²² in *Hérodote*, nº 117, Paris : Éditions La Découverte, 2005 : GIBLIN, Béatrice. *Élisée Reclus : un géographe d'exception*; GIBLIN, Béatrice. *Élisée Reclus et les*

“São Paulo e os Paulistas”

A tradução para o português do capítulo sobre o Brasil da *Nouvelle Géographie Universelle* foi publicada com o título *Estados Unidos do Brasil: Geographia, Ethnographia, Estatística* e foi estruturada da seguinte forma: I. Vista geral; II. Amazonia. Estados do Amazonas e do Pará; III. Vertente do Tocantins. Estado de Goyaz; IV. Costa Equatorial. Estado do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas; V. Bacias do Rio S. Francisco e vertente oriental dos planaltos. Estados de Minas Geraes, Bahia, Sergipe e Espírito Santo; VI. Bacia do Paraíba. Estado do Rio de Janeiro e Districto Federal; VII. Vertente do Paraná e contravertente oceânica. Estados de S. Paulo, Paraná, e Santa Catharina; VIII. Vertente do Uruguay e Littoral Adjacente. Estado de S. Pedro do Rio Grande do Sul; IX. Matto Grosso; X. Estado social e material da sociedade brasileira; XI. Governo e Administração. Em uma primeira aproximação com a obra é possível verificar uma proposta de divisão regional do Brasil em que as bacias hidrográficas foram utilizadas como referencial para a divisão, mas o relevo e os demais elementos da natureza também foram utilizados. Portanto torna-se claro então que o conceito de região utilizado foi o de região natural.

Com esta divisão regional do Brasil, o Estado de São Paulo foi considerado pertencente a “Vertente do Paraná e contravertente oceânica” juntamente com os Estados do Paraná e Santa Catarina. Élisée Reclus se referia a estes três Estados como “Estados paranaenses” uma referência clara a “Vertente do Paraná” e sua bacia hidrográfica evidenciando o uso do conceito de região natural.

No Estado de São Paulo, Reclus identificou primeiramente as cidades do “valle do Paraíba” que ficam no trajeto da linha férrea que liga o Rio de Janeiro a São Paulo destacando a cidade de Taubaté e um possível porto para o escoamento da produção de cafés localizado na cidade de Ubatuba. Uma outra cidade destacada foi “Mogy-das-Cruzes” beneficiada por localizar-se em um ponto de cruzamento de uma estrada de ferro com destino ao porto de São Sebastião.

Reclus também descreveu a cidade de São Paulo, a “capital do Estado mais commercial e mais industrioso da Republica” e a cidade de Santos “– outr’ora Porto de Santos – [que] fórma um mesmo organismo commercial com S. Paulo, a quem serve de entreposto e porto marítimo”. Também descreveu de modo breve a cidade de São Vicente e Cubatão.

Voltando para o interior do Estado de São Paulo, descreveu a cidade de Campinas o “centro principal do commercio do Norte de S. Paulo” e as cidades

colonisations ; LACOSTE, Yves. Élisée Reclus, une très large conception de la géographie et une bienveillante géopolitique ; CORNUAULT, Joël. Une expérience reclusienne : les *Cahiers Élisée Reclus* ; DOUZET, Frédéric. Élisée Reclus et l’Amérique, regard centenaire sur un pays neuf ; PAPIN, Delphine. Londres à la lumière d’un géographe libertaire ; LOYER, Bárbara. La nation et les peuples qui la composent: une vision géopolitique de l’Espagne ; BATAILLON, Claude et PREVOT-SHAPIRA, Marie-France. Élisée Reclus : lecture(s) du territoire de l’État-nation mexicain ; LIAUZU, Claude. Les sociétés musulmanes dans l’oeuvre d’Élisée Reclus ; SIVIGNON, Michel. Le politique dans la géographie des Balkans : Reclus et ses sucesseurs, d’une *Géographie universelle* à l’autre (1883-1930) ; PELLETIER, Philippe. La « plus grande merveille de l’histoire », le Japon vu par Élisée Reclus.

de Casa-Branca, S. Simão e Ribeirão Preto passagem da estrada entre São Paulo “e os Estados occidentaes de Goyaz e Matto-Grosso”. Em outra estrada identifica Limeira, Araras, Pirassununga e “Mogy-Guassú”, destacando a cidade de Rio Claro a “Princeza do Oeste”.

Próximas ao “valle do Tieté” descreveu Itú a “fidelissima”, Sorocaba e “numa região montanhosa limitada pelo Tieté pelo lado Norte”, a cidade de Botucatu. E finalizou seus estudos geográficos sobre o Estado de São Paulo com as cidades da “parte meridional do Estado”, as cidades de Cananéa e Iguape.

Com esta breve aproximação tentou-se reconstruir as características do Estado São Paulo a luz do final do século XIX mediadas através do olhar de Élisée Reclus com o objetivo de buscar elementos que colaborem com uma análise das atuais características da formação geográfica paulista.

Bibliografia

ALAMBERT Jr., Francisco Cabral. “Élisée Reclus”. in: *Civilização e Barbárie, História e Cultura: representações culturais e projeções da “Guerra do Paraguai” nas crises do Segundo Reinado e da Primeira República*. São Paulo: USP, 1998, p. 119-143. (Tese de Doutorado)

ANDRADE, Manuel Correia de (org.). *Élisée Reclus*. São Paulo: Ática, 1985. (Coleção Grandes Cientistas Sociais; 49)

DUARTE, Regina Horta. “Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Élisée Reclus, in: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 26, n° 51, 2006, p. 11-24.

CALVINO, Italo. “Por que ler os clássicos” in: CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. 43ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. (Estudos latino-americanos, v. 12)

LACOSTE, Yves. *A geografia - Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papyrus, 1988.

LATOURET, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: Editora UNESP, 2000. (Biblioteca básica)

MACHADO, Lia Osório. “Origens do Pensamento Geográfico no Brasil: meio tropical, espaços vazios e a idéia de ordem (1870-1930)” in: CASTRO, Iná Elias et alii. *Geografia: Conceitos e Temas*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995, p. 309-352.

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: Pequena História Crítica*. São Paulo: HUCITEC, 1983. (Série “Linha de Frente”)

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Ideologias Geográficas: Espaço, Cultura e Política no Brasil*. São Paulo: HUCITEC, 1988. (Série “Linha de Frente”)

MORAES, Antonio Carlos Robert. "Notas sobre a identidade nacional e institucionalização da Geografia no Brasil". in: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 4, nº 8, 1991, p. 166-176.

MORAES, Antonio Carlos Robert. "História Social da Geografia no Brasil: elementos para uma agenda de pesquisa". Rio Claro: *Anais do I Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico*, 1999.

MOREIRA, Ruy. *O que é geografia*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RAMÍREZ Palacios, David Alejandro. "Élisée Reclus". in: *Las geografías de Reclus y Vergara: itinerario de una red*. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2006, p. 12-34. (Monografía para Optar al Título de Historiador)

RECLUS, Élisée. *Estados Unidos do Brasil: geographia, ethnographia, estatística*. Rio de Janeiro: Garnier, 1900.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica*. São Paulo: EDUSP/HUCITEC, 1978. (Geografia: Teoria e Realidade)

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. "As Outras Histórias ou da Necessidade Delas". in: *Terra Brasilis*, nº 2, Rio de Janeiro: Grupo de História do Pensamento Geográfico, 2000, p. 137-145.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. "Geografia nos trópicos: história dos naufragos de uma jangada de pedras?". in: *Terra Livre*, nº 17, São Paulo: AGB, 2001, p. 119-137.

SOUSA NETO, Manoel Fernandes de. "História da Pequena Crítica em Geografia no Brasil" in: MORAES, Antonio Carlos Robert. *Geografia: Pequena História Crítica*. 19ª edição, São Paulo: Annablume, 2003, p. 11-15.